

“

HUGO MIGUEL SOUSA

# NÃO ESTAMOS A INVESTIR NO VOLUME DE EVENTOS, MAS NA QUALIDADE

”

/ INÉS MELO @ CELESTINOSANTOS



Hugo Miguel Sousa dá nome à HMS Sports Consulting, a máquina por detrás de provas como a São Silvestre de Lisboa ou os 20 Km de Cascais. Na primeira semana de Janeiro já tinha recusado cinco propostas para organizar eventos. Traçou uma estratégia ambiciosa em que o sucesso não passa pela “guerra dos números”.

## O que nasceu primeiro: a HMS ou o gosto pela corrida?

Comecei a correr em Agosto de 1984, tinha 10 anos. Estava de férias em casa dos meus avós e lembro-me de o meu avô me acordar durante a noite para ver a final da maratona [nos Jogos Olímpicos, em Los Angeles], com o Carlos Lopes. Logo depois disse aos meus pais que queria começar a correr.

## Não seguiu a carreira de atleta, mas nunca se distanciou.

Licenciei-me em Economia, mas sempre estive ligado às organizações e ao desporto. Inclusive, em 1990 comecei a fazer triatlo, uma modalidade que praticamente não existia em Portugal. Durante esse tempo viajei bastante para o estrangeiro e percebi que cá existia muita necessidade de produtos, como barras energéticas, bicicletas... Então, aos 19 anos, pedi dinheiro emprestado ao meu pai, juntei-me com três amigos, e criei uma empresa: a Trimania. Passado pouco tempo fiquei sozinho com o negócio, terminei a universidade, entrei para a Portugal Telecom e, durante cinco anos, conciliei o trabalho com a empresa. Entretanto, em 2002, por razões familiares, decidi vender a Trimania.

## E em 2004 torna-se agente da Vanessa Fernandes.

Sempre estive muito ligado ao triatlo. Nessa altura, a Vanessa tinha 17 anos, começava a ter bons resultados e eu, como trabalhava na área dos grandes clientes, comecei a procurar patrocínios. Fui agente da Vanessa durante sete anos, sendo que nos primeiros dois acumulei esse trabalho com as funções na PT e depois na Novabase. Entretanto, 2007 foi o ano de topo da Vanessa e conciliar as duas actividades começou a ser “ingerível”. Fiz uma poupança e, em Janeiro de 2008, despedi-me para criar a minha empresa. Uma semana depois, numa reunião com o El Corte Inglés, a pessoa do marketing diz-me que gostava de ter uma São Silvestre na Avenida da Liberdade.

## Já tinha considerado organizar provas de atletismo?

Apoiava muitas organizações, mas fazer um evento “chave-na-mão” nunca me tinha passado pela cabeça. Quando criei a HMS Sports Consulting o objectivo era prestar apoio na área de patrocínios a atletas. Mas sempre fui muito empreendedor, e quando me perguntaram se tinha estrutura para organizar uma São Silvestre disse que sim. Na verdade, era eu sozinho, com bons amigos que me apoiaram e confiaram na ideia. Nesse ano, também decidi alargar o leque de atletas e comecei a trabalhar com a Jéssica Augusto, a Dulce Félix...

## Quais têm sido os marcos do desenvolvimento da HMS?

Primeiro tentámos criar uma agência de viagens, para levar atletas a maratonas no estrangeiro, mas suspendemos o projecto porque achamos que o mercado ainda não tem volume. Também nos apercebemos de que é difícil sustentar uma empresa com base no agenciamento de atletas que não sejam jogadores de futebol. Dito isto, não deixámos os atletas, mas não é uma área que estejamos a explorar. Estamos mais concentrados em ter eventos de maior qualidade.

## E a quantidade?

Não estamos a investir no volume de eventos; estamos a apostar em aumentar a quantidade de participantes em algumas provas, mas sobretudo em melhorar a qualidade. A estratégia passa por crescer de forma sustentada, o que implica recusar novos projectos. Em 2013 organizámos 10 provas, depois passámos para 12 e, em 2015, chegámos às 14 – um número que queremos manter este ano. Também não queremos aumentar o número de inscritos na São Silvestre e nem sequer entrar na guerra dos números.

## Refere-se à rivalidade entre Lisboa e Porto?

Há bons organizadores de provas em Portugal, mas existe uma guerra entre Lisboa e Porto, da qual não tenciono fazer parte. Claro que quero ter o maior número de atletas a concluir a prova, mas também quero que as pessoas digam que conseguiram correr.

## O que há a melhorar na São Silvestre de Lisboa?

A experiência dos participantes. A São Silvestre deve ser uma prova para quem quer bater recordes e para quem vai só com a família. As pessoas têm de ter acesso à casa de banho, chegar à prova de transportes [públicos], ter facilidade em guardar a roupa... A experiência da corrida não são só os 10 km do percurso, começa desde que a pessoa se inscreve no site. Por isso, não estou somente interessado em desenhar um percurso giro. O meu sonho? Ter uma prova com todas as condições que esgotasse numa semana.

## Quais são os desafios de um organizador de provas em 2016?

Um dos desafios será manter a qualidade. Com o aumento da quantidade de provas, há muitos eventos que estão a perder participantes, como acontece em todos os mercados. Costumo dar o exemplo das parafarmácias: houve uma altura em que toda a gente queria abrir uma parafarmácia, depois fecharam todas; mas houve algumas que ficaram, e essas cresceram. Com a corrida é igual.

Outro dos desafios é não fazer demasiadas provas, sob pena de prejudicar a qualidade. Quem conseguir superar o segredo da qualidade é quem se vai manter no mercado – a minha estratégia é essa. O meu grande desafio para 2016 é que as pessoas se sintam bem tratadas nas provas e, claro, que seja um ano mais estável para a HMS.

## Como é que o fecho do BES foi sentido na HMS?

Foi a nossa pior fase. O BES era um cliente que representava 40% da facturação e, de repente, tudo acaba num telefonema. Foi dramático, mas felizmente conseguimos dar a volta com outros eventos. Aliás, foi a nossa maior conquista este ano, além de a São Silvestre ter crescido para 12 mil participantes. Tínhamos tido um problema semelhante quatro anos antes, porque fazíamos todos os eventos da Nike, que abandonou o mercado português. O que tentámos foi diversificar o negócio, para não estarmos tão sustentados em apenas um ou dois clientes.

No terreno, o pior momento foi nos 20 km de Cascais, quando nos enganámos a marcar um quilómetro [em 2014]. Nesse ano tivemos pessoas a humilhar-nos, mas também percebemos o quanto gostavam de nós.

## Os participantes estão mais exigentes?

Estão e essa é a tendência. Uma queixa muito frequente é de que as pessoas não conseguem correr. Na São Silvestre isso já acontece durante 400 metros, na Rua do Ouro, por isso é que começámos a fazer as partidas por blocos. As pessoas estão mais exigentes com a qualidade da *t-shirt*, o *kit* de atleta, até com o apoio médico, que é muito negligenciado. Aliás, acho que falta legislação nessa área – não basta dizer que existe ambulância no local, é preciso quantificar.

Neste momento, há uma tentativa da European Athletics para regulamentar as provas, através de um sistema de certificação. Na São Silvestre de Lisboa candidatámo-nos à certificação de cinco estrelas, que obriga a cumprir 54 requisitos, desde aspectos organizativos a questões ambientais. Por exemplo, este ano não entregámos sacos de plástico com os *kits*, mas sim de papel. Outros requisitos passam por ter um número de médicos *per capita*, tantos mililitros de água por atleta, marcadores de ritmo, um hospital de campanha, um *meeting point* em caso de evacuação... Tenho a certeza de que somos os únicos a fazer isto [em Portugal]. □

“O BES ERA UM CLIENTE QUE REPRESENTAVA 40% DA FACTURAÇÃO E, DE REPENTE, TUDO ACABA NUM TELEFONEMA.”

## 2016: O ANO DO IRONMAN

O segredo do sucesso da HMS pode estar nos pés de Hugo Sousa. Apaixonado pela corrida, o director-geral costuma participar em inúmeras provas no estrangeiro: “Os meus amigos dizem que estou sempre de férias, mas eu considero que é trabalho; não tenho culpa que seja muito divertido.” Em 2016, os objectivos desportivos passam por terminar as World Marathon Majors – depois de Londres, Boston, Berlim, Chicago e Nova Iorque, vai completar o circuito no dia 27 de Fevereiro, em Tóquio. Mas o grande desafio chega em Julho. No ano em que comemora 20 anos do primeiro IRONMAN, Hugo Sousa regressa à mítica prova de triatlo para homenagear o amigo António Jordan, antigo seleccionador nacional da modalidade, que faleceu em 2012.